

A TEMPORALIDADE NA CONVIVÊNCIA AMOROSA *

TEMPORALITY OF LOVING COEXISTENCE

Emmanuel Carneiro Leão **

O amor não se deixa iludir pelo tempo

Shakespeare

6ª aula

Binswanger procura explicitar qual é a função da temporalidade na elaboração da convivência amorosa a partir da presença cotidiana do ser humano. Diz ele: considerada na sua forma imediata, isto é, descontraída, espontânea e natural de ser, geralmente o homem se deixa prender, absorver, como que se deixa magnetizar pelos conteúdos, pelas tarefas concretas que, em dada situação, se apresentam e se impõem exigindo uma solução. Exprime-se isso dizendo que o indivíduo está “imerso numa situação”, por estar polarizado, reivindicado por tarefas e missões a serem cumpridas na situação imediata de seu relacionamento, isto é, de sua convivência.

Analisando essa imersão, Binswanger refere-se às três modalidades de imersão que estão na obra de Heidegger intitulada *Ser e Tempo*. Passaremos a examiná-las uma de cada vez.

1ª) O homem quando fala, toda a sua linguagem está dependendo do que ele quer dizer, isto é, a linguagem é uma articulação daquilo que ele quer denotar. Na vida espontânea, o homem não está diretamente em ligação com os motivos, forças e impulsos que o levam a dizer alguma coisa. No momento imediato a consciência é polarizada e limitada pelo que ele apenas quer expressar. O processo que se operou, formando e desenvolvendo nele a sua condição de poder expressar alguma coisa, a isso ele não está ligado imediatamente, isto é, na espontaneidade. O primeiro elemento de imersão de convivência cotidiana que se articula na conversa, não se preocupa com os motivos que impulsionam aquilo do que se conversa. É como que a necessidade de um não se empenhar. Assim, todas as vezes que num dia nós conversamos, a grande maioria se coloca no nível

* Transcrições de aula da década de 1970.

** Filósofo. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Titular do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ (IFCS).

desta conversa. Isso mostra que o nível de imersão numa situação de convivência cotidiana impossibilita o aprofundamento dessa mesma situação, mantendo-a numa superfície. A situação tem mais profundidade do que a conversa que se mantém no nível de consciência não elaborada, polarizada só pelo que se tem a dizer imediatamente.

2ª) Uma conversa morre se ela não for sempre de novo alimentada por novos assuntos. Esta é a segunda modalidade de imersão na convivência cotidiana. Não há paciência para ater-se e permanecer-se num assunto só. A conversa tem de dispersar-se numa variedade de assuntos, de novas particularidades e nuances. Ela só se mantém como conversa quando dispõe de uma novidade (no mesmo nível da conversa). Então ela se anima e começa a viver mais como conversa. Os conteúdos mobilizam e se atraem. Quando esses conteúdos dizem respeito à situação que diretamente pode ser caracterizada e apreendida, então a conversa torna-se animada. Porém, quando se quer dar maior profundidade, começa a surgir o fenômeno da resistência naqueles que participam da conversa.

Isto está bem analisado por Heidegger quando ele considera a imersão que se dá na convivência cotidiana como uma das modalidades de dinâmica de construção da existência.

Porém, se o homem conseguiu elaborar a sua existência e a sua personalidade não a partir de conversa, mas a partir de uma integração que lhe permite conversar, então esse nível de conversa não é o nível próprio do homem, não exprime toda a profundidade autêntica do homem. Ele apenas pertence ao desenvolvimento e elaboração da existência. De fato, a dinâmica da conversa é ocupada quase toda pela consciência e na grande maioria de nossa existência nós nos movemos no nível da consciência. Por isso numa conversa, quase sempre, não se pretende apreender os impulsos e fatores que estão atuando no inconsciente das pessoas, pois isto desencadeia resistências e sistemas de defesa fazendo com que a conversa morra. Todos querem ficar no nível da consciência que pode ser supervisionada pelos participantes. Daí a conversa girar quase sempre em torno do que está em voga ou do que aconteceu de novidade, ou de publicidade, etc. Isto não quer dizer que o nível de consciência não tenha originalidade. Pode ter, mas é uma originalidade que fica na superfície de maneira que não mexe com a intimidade de ninguém. Do contrário começam a surgir sistemas de defesa, agressividade, fuga e a conversa morre enquanto mobilização de convivência.

3ª) Como terceiro elemento de imersão na convivência cotidiana temos o seguinte: toda a conversa, mesmo que fique no nível de superfície, sem comprometer ninguém, nem ameaçar a real ou imaginária segurança e solidez de seus participantes, vive em função de duas tendências, pois o que acontece na superfície do movimento da conversa

é resultado de forças que estão se articulando no fundo. Isto significa que cada elemento de conversa tem dois sentidos: um de superfície – o que todo mundo aceita e quer – e um outro mais profundo que se esconde debaixo dessa superfície. Então o terceiro elemento de imersão é a ambivalência desses dois sentidos: um que não mexe com ninguém e, portanto, não é inquietador e outro mais profundo que ninguém espontaneamente quer tocar e por ele seguir. Binswanger quer tirar daí qual energia se elabora na convivência amorosa que possibilita o sentido de profundidade de uma conversa. Uma conversa é tanto menos conversa fiada e muito mais profundidade e seriedade quanto mais integração de convivência amorosa houver entre os participantes.

O homem, na maioria das vezes, tolera unicamente se mover no nível da superfície, isto é, a convivência cotidiana entre duas pessoas é *minante* quando se dá no nível da conversa sem profundidade. Mas justamente por haver aquela ambivalência citada, existe uma chance que possibilita a recuperação dinâmica de elaboração da convivência amorosa que é mais profunda.

A expressão que melhor serve para caracterizar o nível de convivência cotidiana, que se expressa através de conversas, segundo Heidegger, é: *queda*. Esta expressão é também usada na linguagem erótica popular quando se fala que alguém está “caído de amores”, o que significa estar preso, emaranhado, aprisionado nua relação de amor com o outro, de tal maneira que se eliminam as diferenças do eu e do tu, havendo o abandono da estrutura eu-tu. Diz-se então que se está apaixonado, situação esta que implica numa perda de autonomia na qual um dos indivíduos como que desaparece no outro. Vê-se, portanto, que esta expressão “estar caído de amores” é usada geralmente, porém, de maneira inautêntica, com um sentido de valor negativo. De fato, estar apaixonado não é uma modalidade de convivência amorosa e sim uma modalidade de ocupação, absorção e despersonalização. A convivência amorosa caracteriza-se por não ser fanática, por não ter limitações em situações dadas, por transcender as circunstâncias, não tendo datas nem condições pré-estabelecidas. Em oposição a isso, o “estar apaixonado” implica num fanatismo de relacionamento que se exprime bem com a palavra *sujeição*, em que há um esvaziamento de conteúdo, uma diminuição de força de integração de convivência amorosa, passando a ser um delírio erótico. Opondo-se ao recíproco comprometer-se e corresponder-se do eu e tu, a sujeição leva à perda em virtude da destruição do que há de complementariedade e de correspondência entre aqueles que compõem os polos do estar apaixonado, isto é, o eu e o tu. Por isso, aqui não há crescimento e sim absorção, predominância da voracidade. Isso é o que nos diz sujeição de um em relação ao outro.

A partir daí podemos entender como se caracteriza a temporalidade própria da convivência amorosa onde as relações, sejam de espaço, sejam de sujeito ou de valores, não resultam de um interesse de usar e ocupar, nem decorrem de uma preocupação de sempre um servir-se do outro. O que constitui o núcleo de construção e desenvolvimento da convivência amorosa não é a temporalidade de explorar e sim a temporalidade de construir.

Temporalidade é a palavra que quer dizer dinamização, isto é, a dinâmica com que se constrói algumas coisas. De acordo com as vicissitudes dessas modalidades dinâmicas de construção, marcam-se as fases de sequência de evolução, isto é, as fases do tempo, não do tempo físico, mas do tempo da vida, do tempo das pessoas. Há alcance da maturidade quando há maior dinamismo de integração seguindo suas etapas de desenvolvimento, peripécias e os movimentos não marcados a partir de três perspectivas próprias: o uso, o serviço e a exploração. Isto decorre da possibilidade de deslocamento dos dois pontos de atração e integração da nossa elipse. É dessa possibilidade de deslocar os polos que surge o desenvolvimento de uma convivência que perde o equilíbrio, isto é, a capacidade de integrar a tensão entre a diferença dos dois polos: do eu e do tu. Dentro da convivência amorosa, o poder vencer a separação dos limites das diferenças é todo ele visando deixar que as diferenças sigam espontaneamente o seu crescimento enquanto que na convivência da paixão esses limites não são respeitados e, portanto, se quer reduzir a tensão, fazendo com que um dos polos se subordine ao outro, ou melhor, que os dois se reduzam a um polo só, acabando com a tensão e, portanto, com o equilíbrio.

Estamos encaminhando a colocação do problema da temporalidade para deixar claro que estar apaixonado é uma decadência, uma desintegração da convivência amorosa. Dentro da convivência amorosa o que exprime a unidade de integração e elaboração da diferença do eu e do tu é propriamente a capacidade de não se deixar limitar nem pelas circunstâncias, nem pela situação, nem pelas limitações de um tempo que expressam um obstáculo à riqueza e à vivência. Daí se poder dizer que a convivência amorosa não desaparece nem mesmo diante da morte de seus integrantes, do eu ou do tu. O que fica continua integrado e é capaz de suportar a diferença do tu já morto fisicamente, não havendo uma regressão da convivência nem uma diminuição do amadurecimento da pessoa. Esta morte é sentido como perda, porém, tendo-se formado uma vitalidade própria da convivência amorosa, ela torna possível a absorção da perda que é elaborada no sentido de recuperação, na qual se integra a diferença do eu vivo e do tu morto. Daí Binswanger dizer que o amor é imortal porque a capacidade de amar dos integrantes tem sempre o mesmo viço, podendo até integrar as perdas.

No entanto, é preciso deixar claro que essa situação compreende dois níveis, pois o ser humano não se entra sempre só em convivência amorosa. Ele se situa também no nível da superfície da conversa. Essa é a condição humana.

Na convivência, o homem entra sempre individualmente, e essa individualidade representa um fator indispensável na elaboração da convivência amorosa que por sua vez reforça, amadurece e integra essa própria individualidade. Desde que a convivência amorosa seja uma realidade de fato, ela não fica limitada às vicissitudes nem aos seus integrantes. O conceito de imortalidade do amor não está tomado no sentido religioso, não é uma mística do além-morte. Pelo contrário, o conceito de imortalidade do amor existe no sentido de ser uma força constitutiva da convivência amorosa que dá como resultado a capacidade de absorver o próprio golpe, produzindo a sustentação suficiente para receber o impacto e fazer dele uma força de maior fortalecimento da maturação. Por isso, a mortalidade do amor não é uma imortalidade de outro tempo. Ela se dá neste tempo, isto é, dentro da própria temporalidade da convivência amorosa.

Isto tem seus fundamentos no fato de que a temporalidade da convivência amorosa está em oposição com a temporalidade de outras formas de convivência – relacionamento, utilização, ocupação –, pois ela não decorre nem se origina das limitações da existência, de sua finalidade, como sendo minha, de minha individualidade. A temporalidade da convivência amorosa provém da necessidade do *nós* que transcende o eu e o tu. Por esta estrutura dual não estar limitada ao que eu sou e ao que és tu, quando desaparece um participante a convivência amorosa continua, pois tem vitalidade suficiente para encaixar a perda, integrando-a.

Binswanger refere-se a uma passagem de Aristófanes no Diálogo de Platão que é a seguinte: “Dizei-me se isto constitui a vossa aspiração, isto é, assim como as crianças, todos nós ouvimos e cremos naquilo que sempre nos moveu e isto que sempre nos impulsionou consiste no eu crescer com o tu e formar com ele uma unidade que não nos descaracteriza. Isto foi desde o início toda nossa natureza.”.

Existe, nesta passagem, uma comparação com a criança. Esta, para nascer, precisa separar-se. Ela precisa se diferenciar para poder depois reintegrar-se na unidade da *nosidade* com maior riqueza de correspondência e de contribuição individual. Para haver integração, a totalidade tem de respeitar as diferenças. Por isso é necessário haver separação. O mecanismo de cisão é, portanto, um mecanismo de crescimento desde que essa cisão tenda para uma integração e não para uma depressão. É bom observar que este escrito de Aristófanes vem de dois mil anos passados. Prosseguindo, transcrevemos uma poesia famosa de Schiller que exemplifica o que dissemos:

O Mistério da Reminiscência

As nossas naturezas já não foram unidas, entrelaçadas?
Não é por isso que todo coração bate?
Não éramos nós já fundidos numa unidade criadora,
Fértil no raio de sóis que já desapareceram nos dias de uma vitalidade que
nos embriagava?
Sim. Assim éramos nós.
Intimamente ligada comigo, unida a mim
Eres tu nas idades primordiais que tivemos de abandonar
Afim de que minha musa pudesse ser desafiada pela necessidade de cons(...)

Este retorno significa formar uma unidade, mas agora dentro de uma convivência e assim intimamente consolidados, formando uma solidez de eu e tu, surgiu o espanto de verificar, num dia, numa época ou num momento, que nós éramos dois. Nós fomos amalgamados pela fonte de néctar que nos alimentou para podermos construir aquela unidade que nos perpetua para além do que somos. Por isso adquirimos asas e não respeitamos mais os limites dos nossos dias, isto é, o tempo que exprime as limitações – morte, espaço, circunstâncias.

Por isso é que, no nosso voo, não desconhecemos o pranto
Chora Laura!
Isso que nos faz chorar é um sonho,
Um belo sonho de um deus que nos foi negado.
Por isso Laura, é que sentimos no peito o fervilhar desse calor.

Choramos o nosso voo, pois conseguir ultrapassar e sobrevoar os limites nos é dado somente como dinâmica de significação das coisas. Entretanto, não podemos fazer com que essas coisas se transformem naquilo que nos move.

Também de Schiller, dedicada a Carolina e Lotte, existe numa carta desta passagem: “Já simples pensamento de nós, num determinado tempo, termos sido menos, isso me abate, me oprime, pois o medo que eu tenho é de que o amor, estando além de toda a limitação do tempo, ainda não se tenha apresentado em nós.”. O medo que Schiller expressa nessa carta indica que ele não está plenamente em convivência amorosa.

De Goethe, dedicada a Frau Von Stein:

Por Que Nos Destes Penetrações tão Profundas?
Tu fostes, em tempos que já foram vividos
Minha irmã ou minha esposa.
Ao te escolher eu não só escolhi todas as outras
Mas, ao te escolher, fiz com que todas as outras
Contribuissem para a escolha.

Também de Goethe, após a morte de sua esposa:

O Reencontro
Será possível? A estrela das estrelas . . .
Elas moram intimamente coladas a mim, nas câmaras profundas do meu coração.
Aquilo que a noite se me apresenta como dor, como abismo distante,
É precisamente isto que tu transformaste numa presença
Sempre constante e que não ameaça devorar-me.
Por isso é que, recordando dificuldades passadas, não tremo diante do presente.
Quando o mundo se achava nas profundezas do peito eterno de Deus
Ele construiu essa força que consegue ultrapassar qualquer data do tempo de criação.
Por isso ele teve condições de pronunciar a palavra criadora: Faça-se
Pois, nessa palavra criadora, o que ele realmente criou foi a capacidade de criar.
Aquilo que nos determina para construir alguma coisa que está além do que eu sou e
além do que és tu
Foi assim que se iluminou o mundo e assim que sempre de novo ele se iluminará:
Por isso, quando o sol nasce, eu nasço com ele e quando o sol se põe eu tenho coragem
de me por com ele
Só assim a escuridão pode iluminar um outro amanhã, pode ser um outro surgir.
Pois somente sendo eu é que pude sentir que não tinhas partido.

De RILKE:

Antes de estender-te a mão eu já te conhecia e por isso pude estender-te a mão.
Para lá onde nossa alma construirá um abrigo ou uma morada é que sempre me levam
todos os caminhos que eu percorro.
Uma vez que meus passos são dirigidos por aquele lance de olhar
Que exprime toda a convivência que viemos construindo.

De Elizabeth BROWNING:

“certamente já, durante toda a minha vida, eu te amei na tua ideia . . .”

De SCHILLER escrevendo a Goethe[:]

O mistério da convivência se deixa exprimir a partir da atividade criadora que dá aos
integrantes
Por isso uma só palavra revela toda a dinâmica de forças
A partir da força de convivência de quem ouve
minante
força de maior fortalecimento.

7ª aula

O primeiro elemento de estruturação de historicidade da convivência amorosa é a independência em relação ao tempo, no sentido de sucessão cronológica. A convivência amorosa não é prisioneira das características que compõem uma situação – relacionamento com data, cronologia, etc. – como também pertence à sua própria vivência não estar limitada às determinações, fatores e elementos dos quais ela se elaborou. A elaboração de

integração das vivências dentro de uma convivência amorosa tem mais força do que os conteúdos em função dos quais ele se constitui. A citação das experiências poéticas de Goethe, Elizabeth Browning, Rilke, feita anteriormente, não teve por finalidade provar coisa alguma e, sim, mostrar que realmente pertence à estrutura da convivência amorosa essa independência frente aos dados e característicos da situação em cujo selo ela se elabora. Por mais numerosos que sejam os exemplos, eles nunca poderão substituir a própria experiência. O exemplo só é significativo dentro de uma experiência, pois ele já é o resultado de uma convivência elaborada. O que muitos exemplos poderiam nos provar, bastaria um único. Desde que nos encontremos dentro de uma convivência amorosa, o exemplo será apenas elucidativo dele. Porém se nós não nos encontramos nessa faixa de vivência, mil exemplos não nos darão a possibilidade de percebê-la.

Referindo-se à psicanálise, Binswanger mostra a impotência que ela possui de ver a estrutura própria do amor pelo fato de ela reduzir o processo de constituição da convivência amorosa a um resultado de uma sequência causal e genética. Isto significa que a característica da interpretação psicanalítica consiste em entender o sentido uma convivência amorosa a partir dos determinantes causais de sua gênese, isto é, um dos fatores que geraram a convivência amorosa. Assim, da passagem de Goethe em que ele diz: “tu estavas presente, nos tempos já vividos, como minha irmã ou minha esposa”, a interpretação psicanalítica só vê uma coisa: o testemunho de um contexto vivencial entrelaçado por elementos biográficos do indivíduo e que estão inconscientes. Essa passagem exprime algo que para ele é consciente, mas os motivos que o faz dizer o que ele diz, são inconscientes segundo a psicanálise e estão ligados à biografia de Goethe; são fatores ligados ao seu passado e de caráter determinante para a história de sua vida. Esses acontecimentos foram tão marcantes que, embora inconscientes, determinam o que ele diz hoje.

Binswanger não nega a validade dessa interpretação, porém, ele vê algo mais nessa poesia e chama atenção para a impossibilidade da perspectiva psicanalítica de verificar essa estrutura de independência situacional própria da convivência amorosa.

O fato dessa estrutura de convivência amorosa ter se elaborado em função de uma situação biográfica, inconsciente, não faz com que ela se reduza somente a isto, porque então a sua função se reduziria a ser um testemunho do passado que só atua no presente por ser inconsciente, isto é, este passado só tem produtividade na criação poética enquanto for inconsciente. Mas daqui surge uma pergunta: tudo o que é produtivo e criador vem como função de algo inconsciente?

“Tu eras num tempo passado como minha irmã ou minha esposa.”. É claro que as vicissitudes pelas quais passou Goethe como indivíduo ao longo de sua infância e adolescência, certas experiências que ficaram inconscientes para ele, afloram nessa passagem poética, no uso de determinados símbolos e no relacionamento com uma presença sempre atuante. Mas isto não significa que a convivência amorosa entre ele e a esposa se estabeleceu porque ela fracassou no passado. Pelo contrário, não é por ter faltado determinado tipo de convivência, por ter ficado reprimido ou por ter fracassado que ele é capaz de ter uma convivência no presente, mas é justamente pelo fato de ter tido esta convivência que ele a vive hoje como a do passado. Ou melhor: ele só é capaz de ter uma convivência amorosa no presente pelo que ele conseguiu de integração e elaboração no seu passado e não pelo que ele fracassou. A frustração, se houve, e não foi insuportável, ela não é uma frustração plena, ela tornou-se enriquecedora. Mas se dizemos que ela ficou inconsciente, nem se sabe que houve frustração. Nesse caso não poderemos entender como ela foi capaz de tornar-se produtiva, pois nós sabemos que justamente no processo de tomar consciência da frustração é que, na tentativa de compensar, ela vai atuando, tornando-se enriquecedora na sua elaboração, possibilitando a produtividade poética. É desse relacionamento com a frustração que surge a dinâmica de integração.

Tomemos outro exemplo tirado de “Frederico, o Grande” de Hölderlin, que diz: “minha alma amava a tua já antes de ela se unir com seu corpo e minha alma amará a tua mesmo depois de se ter separado dele”. É claro que nós não pretendemos negar, de forma alguma, o processo biográfico genético que faz com que a imagem da mãe ou da irmã permaneçam como modelo em função do qual se articulam, na vida de um homem, todas as outras imagens femininas, de maneira mais ou menos nítida. Naturalmente isto desempenha uma força de determinação e elaboração de todas as outras modalidades de encontro e de convivência amorosa por toda a vida. Esta estrutura pode ser constatada, de maneira indiscutível, por toda a parte. Mas isto difere da energia de estruturação da convivência amorosa. Nesta, o processo se dá ao contrário: o fato de haver existido a convivência amorosa com a mãe ou a irmã faz com que a sua imagem permaneça presente e a integração que essa convivência produziu, abre a possibilidade de novos encontros enriquecedores. Esse problema a psicanálise não quer discutir porque ela se situa apenas dentro da dinâmica dessas configurações que já supõem uma estrutura. Desta forma ela só pode ver o que se passa no nível onde ela se move. Caberia uma crítica se ela se propusesse a responder problemas para os quais não está apta, pois se apresenta inserida na existência e não transcende a existência. A explicitação da estrutura da convivência

amorosa em relacionamento íntimo com o tempo – passado, presente e futuro – que nós estamos tentando fazer aqui, não tem a pretensão de se apresentar melhor nem frente ao tratamento psicanalítico, nem frente às investigações das ciências positivas ou de outras possíveis perspectivas de interpretação. A experiência de convivência amorosa não é um conhecimento nem melhor nem pior que aquele proporcionado pela psicanálise, pois dizer melhor ou pior seria atribuir uma diferença de grau dentro de um mesmo nível quando na realidade nós estamos tratando de conhecimentos obtidos em níveis diferentes.

É importante firmar esta perspectiva de diferenças de níveis para podermos entender bem em que nível se constrói a convivência amorosa como energia de elaboração da existência. Quando, nos exemplos indicados anteriormente, nós nos sentimos tentados a tirar deles uma determinada interpretação, isto decorre do fato de lhe estarmos atribuindo um determinado tipo de perspectiva. A sua linguagem nos fala de acordo com a perspectiva em que a ouvimos.

O que nos interessa não é a maneira de que se reveste o fenômeno da convivência amorosa apresentada através desses exemplos. Benjamin Constant, por exemplo, utiliza a linguagem característica de seu tempo, da psicologia objetiva, enquanto Roberto Browning utiliza uma outra linguagem completamente diferente. Mas o que nos interessa não é a linguagem de cada um, mas a energia, a dinâmica que se está estruturando através desses conteúdos de linguagem, seja em termos de reflexão (B.C) ou em termos de dinâmica da profundidade (R.B.).

Nesta passagem que diz “o amor cria quase que por encantamento, um passado que nos cerca”, o autor nos dá por assim dizer, a consciência de já ter vivido durante anos com um ser que no passado lhe era quase estranho. Mas a experiência que ele quer comunicar não está limitada à linguagem de que ele se vale. A terminologia que ele usa (consciência, passado, tempo, anos) não exprime toda a experiência. Isto vai depender da expectativa de quem ouve. Dependendo do grau e do tipo de convivência amorosa de quem ouve é que a experiência comunicada se torna presente. O sentido dado à linguagem varia com a expectativa de quem ouve, porque quando nós ouvimos alguma coisa quem está em jogo somos nós e não quem fala. Este serve apenas de estímulo para nós. Isso acontece porque toda comunicação se faz no meio de uma reflexão que se vale dos termos a seu dispor e do quadro de elementos dominantes na sua época. Por isso, cria-se um paradoxo dentro da própria convivência amorosa, cria-se uma tensão entre o como se dá a convivência e a elaboração desta convivência que depende das formas de expressão. Assim quando eu uso uma determinada expressão, ela surge como uma exigência do que

eu tenho a dizer e ao mesmo tempo isto que eu tenho para dizer é o resultado de vivência de elaboração que eu alcancei. A reflexão está atuando quando eu falo e também quando eu ouço. Por isso, a relação entre o grau de verossimilhança de uma situação e a força de evidência desta verdade se mede e se constrói na dependência de quem fala e de quem ouve. Ao ouvir e ao falar existe uma convivência e é essa convivência que dá força ao que eu digo e a capacidade para ouvir.

Em todos os exemplos citados, qualquer que seja a maneira como a temporalidade do amor se anuncie, o seu sentido está sempre em oposição com o que se chama de vida imediata, isto é, vida simplesmente vivida, que se refere apenas aos conteúdos, às experiências que se teve e nunca à estruturação que possibilitou aquelas experiências. Nos exemplos citados quer se deixar claro que a convivência amorosa é diferente dos conteúdos. É ela que possibilita que a mãe tenha uma figura de mãe e que a irmã tenha uma figura de irmã, é quem possibilita as vivências. Essa diferença está bem expressa num soneto de Elizabeth Browning em que ela mostra a oposição “entre o amor que perdura e a vida que desaparece e sempre se renova”. Ela poderia ter invertido os termos dizendo a vida que perdura e o amor que desaparece. Esta segunda forma expressaria a mesma experiência de convivência. O importante não é a terminologia nem a marcação dos conteúdos que se atribui à determinada forma de expressão. Qualquer uma das duas formas de expressão significa que a temporalidade da convivência amorosa é a própria duração, o que permite à vida um vir a ser, um renovar-se constante e um envelhecer constante. Por isso quando falamos da intemporalidade do amor, no sentido cronológico, não se deve entender isso no sentido do dogma cristão da eternidade de Deus, nem no sentido platônico da eterna presença das ideias, pois seria ficar prisioneiro dos conteúdos da expressão. Isto equivaleria a reduzir a experiência a uma determinada expressão que é apenas a comunicação da experiência. Mas por que será que isto sempre ocorre? Por que sempre que ouço alguma coisa, eu a entendo com os conteúdos que já elaborei, usando, ou melhor, reduzindo o novo ao velho? Este é o grande problema, o qual está ligado ao nível de convivência que cada um atingiu. Se eu não posso aceitar o novo é porque a minha convivência amorosa não tem abertura e força suficiente para aceitar a diferença. Isso significa que eu fico abalado na minha segurança e na minha onipotência porque não aceito que eu não possa ser tudo, que eu não possa saber tudo, que eu não possa poder tudo. Então eu me fecho a tudo o que é novo porque este é um desafio para mim por ser tudo o que eu não sou. Eu quero ser tudo; este querer é um querer concreto que produz

um estado de negação face ao que eu não sou. Por isso eu nego o novo, não o vejo em sua transformação e ao ouvi-lo reduzo tudo ao que eu já sabia.

Essa diferença entre a temporalidade do amor e os conteúdos da vida imediata se encontra ao longo das histórias, nas mais variadas formas, no esforço que se fez para compreender a elaboração e o desenvolvimento da personalidade. Assim, desde Plotino, se estabeleceu uma diferença entre o tempo no sentido cronológico e a vida no sentido de uma vitalidade que, por conseguinte, está fora do tempo.

O que aqui se apresenta como oposição entre o tempo e a vida é precisamente o que Elizabeth Browning opôs ao falar em amor e vida. O que ela chama de amor, Plotino chamava de vida e o que ela chama de vida para Plotino era o tempo cronológico. Portanto a duração do amor seria uma modalidade de perduração capaz de aceitar a fragmentação das fases de tempo cronológico. Também Stefan Georg fez uma tradução de Shakespeare que mostra esta passagem a que Elizabeth Browning se refere usando a palavra eterno ou infinito para caracterizar a convivência amorosa.

Nós sempre nos surpreendemos quando entramos em contato com as produções poéticas e isto acontece porque a convivência amorosa ressaltada por elas já estava atuando em nós, porém, de uma maneira que nós não aceitamos racionalmente. Por isso, nos surpreendemos quando nos encontramos numa poesia que nos parece estar fora de nós.

Se quisermos reduzir a uma fórmula tudo o que acabamos de dizer, poderemos usar a seguinte expressão de Nietzsche em Zaratustra: “a convivência amorosa não pensa na extensão, ela só pensa no momento, pois o momento é o percurso de todas as extensões”. Por isso, quando se atribuiu a convivência amorosa uma modalidade própria de temporalização, foi para mostrar que o modo de espacialização da convivência amorosa é o mesmo de sua temporalização. Com isto queremos dizer que a convivência amorosa não está presa nem pelas barreiras do espaço, nem pelas limitações do tempo cronológico. Só nessa transcendência das limitações do espaço e tempo é que se pode construir toda uma intensidade e toda uma profundidade de convivência amorosa. Daí se segue que as relações espaciais de convivência amorosa não podem ser determinadas por um espaço que esteja fora de nós e na relação com o tempo, ela não pode estar presa a passado, presente ou futuro. Com isso podemos afirmar igualmente que a presença da convivência amorosa e o seu modo de espacialidade correspondente não provem daquilo que estamos fazendo ou daquilo que nos preocupa, pois o que realmente nos “preocupa” não nos preocupa. O que nós realmente nos preocupamos é construir uma convivência amorosa e em segundo lugar, quando assim somos movidos, parece que estamos

preocupados com outras coisas mais imediatas. Quando ele usa o termo preocupação, o faz paradoxalmente para chocar, porque o que nos parece preocupar é aquilo que está na superfície. Somos sempre levados a racionalizar, aparentando em nossos movimentos que buscamos realmente aquilo que nos preocupa. Mas no homem essa vivência amorosa ainda não se completou, ainda não se esgotou, não atingiu a plenitude. Portanto, o que realmente o preocupa é o desenvolvimento e integração dessa convivência embora imediatamente ele não se dê conta disso e fique já absorvido apenas com as suas ocupações. A própria sociedade já é um processo que resulta de muitas convivências que ainda não se completaram, que estão se buscando a si mesmas. Por que nos falamos? – E porque não suportamos o silêncio? – Porque para nós o silêncio não é ainda de tal plenitude que torna dispensável o falar. Eu só tenho necessidade de comunicar alguma coisa porque o que eu sou, isto é, o que eu quero comunicar não é de tal maneira pleno em sua convivência que torne o outro já uma convivência com o que sou. Há sempre um desnível. Nem podemos colocar isto como uma meta que se possa em determinado tempo alcançar, pois faz parte da própria vida humana, esta luta por procurar uma convivência que dispense a palavra, isto é, uma integração de convivência tão plena que não necessita comunicar-se verbalmente uma vez que tudo o que ela já é, o outro já seria também. Naturalmente que isto representa apenas o anseio. Ninguém jamais chegará a isto. Mas existem muitos níveis diferentes de comunicação. Por exemplo, no relacionamento de mãe e filho existe uma simbiose que muitas vezes dispensa a comunicação. O silêncio do filho, muitas vezes, é mais eloquente do que qualquer tentativa de comunicação verbal. A fala pode ser um obstáculo de integração de convivência.

Teremos de caracterizar melhor e aprofundar mais essa visão dinâmica da temporalidade da convivência amorosa para se entender o que significa conviver amorosamente.

8ª aula

Binswanger tenta encontrar um primeiro nível de relacionamento entre a convivência amorosa e o tempo cronológico mediante a explicitação de que este é um tempo composto de fragmentos que ficam unificados por uma ordem de antecedente e consequente. A sua unidade é marcada a partir da ordem e direção em que se dá a sucedaneidade de seus momentos de modo que há um sentido, absolutamente marcado, de orientação no movimento temporal, construído da seguinte maneira: o tempo flui do futuro pelo presente, para o passado. A maneira de correr do fluxo do tempo é integrada

pela anterioridade do futuro sobre o presente e do presente sobre o passado. Para haver ação é necessário que existam condições, meios e necessidades que imponham uma tarefa. Esta tarefa é necessária para alcançar a meta que a necessidade exige. Portanto, a maneira de um momento se integrar na ordem do tempo é a seguinte: primeiro, ele é necessário e depois, então, ele tem uma oportunidade numa situação presente, isto é, ele já atua antes de ser presente. Essa é uma perspectiva cronológica do tempo: a ordem da sequência sempre marcada com o primado do futuro. O passado não pode atuar sobre o presente. Só o futuro pode atuar sobre o presente desde que se considere o tempo no sentido cronológico. O passado é o que deixou de atuar, o que já perdeu a força, o que está ultrapassado. Por exemplo, uma experiência da ciência do passado só atua hoje naquilo em que não passou, no que ela passou ela já não atua. O presente também pode atuar no futuro quando ele determina até que ponto possibilidades ainda não exploradas adquirem condições para se transformarem em forças ou funções presentes. A maneira de se ordenar a sequência do tempo tem como resultado a recíproca influência do futuro sobre o presente e do presente sobre o futuro. O passado está sempre em situação de inferioridade comparado com o presente e com o futuro, pois estamos entendendo o tempo como um sistema de ordenar fatos e acontecimentos. No entanto, se não se restringir a temporalidade a fatos e a acontecimentos que se sucedem, mas se pergunta de onde provem um fato, e porque ele se montou como um determinado acontecimento, então o processo temporal perde essa ordem de hierarquização citada e começa a prevalecer o primado de passado e futuro sobre o presente. Então o presente fica na dependência da interseção do passado com o futuro, pois aquilo que eu fui vai determinar e abrir as possibilidades para eu vir a conquistar o que eu ainda não consegui. O futuro passa a ser um passado que não foi esgotado em suas possibilidades. Essas vivências do passado influem na medida em que abrem horizontes e criam condições de liberdade para a necessidade de explorar e desenvolver aquelas possibilidades que ainda não foram exploradas. Portanto, esse passado que age sobre o futuro, ele não passou ainda, não se esgotou o que constitui o espectro das minhas possibilidades. Ele apenas ocupou um setor. Os outros aspectos e forças que não foram aproveitados, que não tiveram a oportunidade de integrar minha vida, nem por isso eles se reduziram a nada. Pelo contrário, eles contribuíram para que aquelas vivências, e todas as outras experiências, integrações e fracassos que constituíram o acervo do meu passado, se tenham conjugado para marcarem o meu desenvolvimento, a minha personalidade. Essa sobra de possibilidades continuou sustentando aquele outro setor que foi atualizado dentro de minha vivência e que fez com

eu visse o mundo e as pessoas de uma determinada maneira. Mas essa perspectiva que se atualizou em minha biografia, não é tudo, não esgota todas as possibilidades de ver, de avaliar e de relacionar-se com as coisas, com as pessoas e com o mundo, isto é, pertencem a mim mesmo outras modalidades possíveis de ver as pessoas, de valorizá-las, de relacionar-me com elas. Aquela primeira possibilidade não esgotou todo o espectro de modalidades possíveis de relacionamento. Por isso, quando ela perde a sua capacidade de integrar uma determinada fisionomia de minha biografia, então as outras possibilidades têm vez, fazendo pressão para também serem desenvolvidas. Isto vai exprimir a minha evolução, a reprogramação de minha fisionomia e minha biografia, vai marcar o meu tempo e minha temporalidade. Se numa determinada época ou etapa de minha vida, eu começo a descobrir que a realidade predominante no sistema de meu relacionamento tem muito mais riqueza do que o que foi aproveitado por mim, então eu começo a fazer a experiência de um passado, de um presente e de um futuro. É na dinâmica da possibilidade, que se esgota pela necessidade de outras possibilidades serem integradas, que vai se dar o meu tempo e vai se abrir uma nova época no meu desenvolvimento. Se aquelas possibilidades que foram desenvolvidas e determinaram os horizontes de minha realização forem integradas não como uma das possibilidades de realização, mas como sendo a única, então eu não vou ter futuro. Só terei passado, isto é, eu não estou deixando que o passado seja passado para que possa haver futuro. Não deixar o passado passar é ficar sempre prisioneiro de um passado como a única modalidade dinâmica de integração, o que significa uma parada na temporalidade. Isso vai depender do grau de convivência amorosa que eu atingir.

A convivência amorosa não tem o tipo de temporalidade da sucessão cronológica mas é ela quem decide esse tempo cronológico. Para a temporalidade da convivência amorosa Binswanger usa o termo *eternidade* ou *perenidade*.

São as vicissitudes de aprofundamento e alongamento que marcam quais as minhas possibilidades de viver um passado, um presente e um futuro. O ângulo de estreitamento e alargamento, de presente e de futuro, depende da liberdade com que eu sou o meu passado. Se eu estou prisioneiro a ele como sendo a única possibilidade, então se estreitam de tal maneira o presente e o futuro que me restrinjo a repetir sempre o passado, isto é, aquilo que marcou como absoluto, como a única possibilidade de relacionar-me, de ver a realidade, ver os outros.

A corrente psicanalítica considera que as figuras decisivas que predominam na elaboração de formas de relacionamento da convivência são as primeiras figuras que

estruturam as necessidades e possibilidades de minha experiência do mundo. No entanto esta predominância de figuras primitivas deve-se manter suficientemente maleável, de tal maneira integrada numa convivência de abertura de novas possibilidades que elas não façam de mim um prisioneiro, um escravo de suas modalidades concretas. Se minha mãe é uma figura produtiva, então este meu passado é realmente uma possibilidade de enriquecimento sempre maior de convivência: abrindo espaço suficientemente, dá a necessária liberdade para me possibilitar fazer experiências de outras figuras femininas. Do contrário eu não vou ter futuro. Só vou ter de repisar aquele mesmo passado num aspecto de compulsividade, de um passado que não passo e que não apenas impede uma integração num processo de possibilidades, mas é absorvente de tal maneira que esgota, esvazia as possibilidades de diferenciação. É a convivência amorosa que marca qual possibilidade de futuro se abre para a minha vida e para o meu desenvolvimento. Por isso, ele diz que a convivência amorosa é a energia fundamental, primordial, isto é, a energia estruturante. Mesmo que uma criança seja órfã ou criada em berçário, ela vai se fixar em alguma figura, de alguma forma vai se estabelecer uma convivência amorosa, pois se houver uma ausência total de convivência, se não for possível uma substituição da figura materna, a criança morre. Mesmo porque a convivência amorosa já se estabelece antes do nascimento. O estar no ventre materno já possibilita à criança buscar, depois do nascimento, uma continuidade dessa convivência, tentando substituições do vivido anteriormente, mesmo que seja de forma precária. A modalidade de realizar uma estruturação das figuras não tem data. Isto é que faz com que a convivência amorosa seja perene, porque ela tem uma dinâmica própria sem a ordem e a sucessão de uma cronologia. Pelo contrário, é ela que marca a maneira do indivíduo relacionar-se com etapas, épocas e ordens cronológicas. Isto é o que Binswanger chama *presença*. Ele faz uma diferença entre presença e presente. O presente é uma resultante, é uma função das possibilidades de presença que existem dentro de uma convivência amorosa. Se não se pode considerar a duração ou presença da convivência amorosa como sendo o resultado de uma adição de momentos cronológicos que antecedem ou sucedem as várias etapas de desenvolvimento da vida – infância, juventude, etc. – e sim como sendo o grau de integração de eu e tu que atravessa essas etapas, nem por isso se deve deduzir que ela não tenha dinâmica. Ela tem a sua dinâmica própria que gira em torno do fechamento ou da abertura de possibilidades de integração de eu e tu, isto é, a convivência amorosa não é a mesma nas diferentes etapas do desenvolvimento, do crescimento da vida. Um adolescente não tem a mesma convivência amorosa (...)

A maneira de uma pessoa relacionar-se com a sua infância e juventude e com o seu presente depende das vicissitudes no processamento de estruturação dessa convivência. Ela não está sempre pronta igualmente, ela tem sua vida interna que não se origina nas fases que se elaboram ao longo de uma biografia. Pelo contrário, essas experiências, esses contatos, esses encontros, enquanto biografia é que são resultantes da convivência amorosa. O que Binswanger pretende é marcar bem a diferença entre o tempo cronológico e o tempo de convivência amorosa.

A maneira como eu elaboro as possibilidades de aceitação “eu e tu” é que vai construir a dinâmica capaz de abrir possibilidades de aceitar outras pessoas, de atravessar crises, conflitos, fracassos. A estrutura é o resultado de um processamento de integração. O conjunto das condições de possibilidades não é o mesmo que estrutura. Estrutura diz de que maneira eu inteirei essa condição, esse conjunto de possibilidades, diz o que a dinâmica trabalhou. Por exemplo: constatamos que no comportamento de um recém-nascido há voracidade que implica num objeto (seio materno) e num padrão do que seja ou não voraz. Somente dentro de um contexto é que se pode fazer uma constatação. Mas pergunta-se: uma voracidade é intrínseca ou já é elaborada, ou já é estruturação? Se a mãe convive com o feto e lhe ocasiona uma vivência de carência, para suprir ou compensar esta carência, a criança, ao nascer, poderá apresentar um comportamento voraz. A dinâmica de voracidade já exprime uma integração. No ser mesmo enquanto feto, existe sempre a possibilidade de se relacionar. Nosso questionamento não está neste nível e sim no por que essa modalidade de se relacionar revestiu-se de característica de voracidade. Por que não se revestiu de característica de apatia? A voracidade é um dado pré-dado ou uma integração, ou já uma atitude?

O campo anterior à estruturação é o da possibilidade de realizar a convivência para que o homem possa se realizar como homem. Concretamente esta possibilidade não existe independente do uso que se faz dela. Entretanto, toda a vez que se faz o uso foi porque havia possibilidade. Ou será que a possibilidade de convivência amorosa está diminuída, está enfraquecida, temerosa de perder e por isso se instala o comportamento voraz do indivíduo? Por hipótese todo o mundo tem as mesmas possibilidades de convivência amorosa. Mas o uso que se faz dessas possibilidades não é o mesmo em todo o indivíduo. Essa diferença vem de que? Uma atitude provém do pré-dado ou é uma elaboração? Há aqui perspectivas diversas. Do ponto de vista da individualidade a convivência se relaciona como se só houvesse indivíduo. Se dentro do contexto de um ambiente eu apresento um distúrbio de conduta, ela vai ser encarada sob a minha dinâmica individual de elaborar o

conflito. Não é o mais importante saber de que fatores esse distúrbio se formou e sim a atitude que, diante daqueles fatores, eu assumi. Essa vai ser uma das perspectivas de considerar individualmente a dinâmica de convivência, no sentido de elaboração. A individualidade tem um contexto que não é individual, mas dentro de um mesmo contexto delinea-se a individualidade de cada um. Por exemplo: na neurose de guerra, se cai uma bomba, um soldado poderá fazer uma neurose de guerra e outro não. Entretanto, objetivamente, o fato é o mesmo para os dois. Vai depender de condições histórico-biográficas – não do ser soldado ou de pertencer a uma ou outra classe, mas do ser do indivíduo. Embora haja alguma coisa que não é individual – o ter caído a bomba – isto não significa que ele só fizesse a neurose se caísse a bomba. Poderia fazê-lo com outro fator que talvez explodisse menos que a bomba, mas para ele fosse mais explosivo.

Para se exprimir o relacionamento com o espaço e com o tempo, que são duas formas em que Binswanger vem procurando mostrar a característica ou a dinâmica da convivência amorosa na relação dual, nós não temos nome a dar. Infelizmente, a linguagem nos abandona, pois não possuímos uma expressão adequada para exprimir devidamente a forma de espaço e a forma de tempo específicas e próprias da dinâmica da convivência amorosa. Ficamos sempre com as mesmas palavras espaço e tempo embora queiramos exprimir coisas diferentes na nossa investigação para marcarmos, em cada ocorrência, a que sentido nós estamos nos referindo. Assim, como a maneira de durar da convivência amorosa é independente da maior ou menor largueza de uma duração temporal, assim, também estar integrado, o lar do eu-tu é independente da ausência ou da presença, da distância ou da proximidade de eu e tu. A palavra *lar* exprime a espacialidade da convivência amorosa, a condição de possibilidade para que, onde tu estás se rasgue um lugar para mim, independente se estás perto de mim ou não. Todas as determinações positivas e negativas, decorrentes concretamente da convivência amorosa, estão sempre determinadas por essa condição de *lar* (equivalente ao calor da lareira).

Portanto, em relação à convivência amorosa, teremos sempre de fazer uma diferenciação de nível quando nos referimos a espaço e tempo. Quanto ao espaço, o seu nível é o dessa lareira, dessa condição de lar, a força produtiva da possibilidade de integração própria da espacialidade da convivência. Quanto ao tempo e a duração, nós vamos conservar a expressão “abertura de horizonte”.

A dinâmica da convivência amorosa é sempre fundamentalmente libertadora em etapas de novas integrações. Na juventude, por exemplo, surge novas experiências,

possibilidade de novos valores, encontros com mais pessoas que adquirem outra presença, outra conotação, abrindo um novo horizonte.

É dentro dessa dupla perspectiva – lar e abertura de horizonte que nós podemos começar a colocar o percurso de elaboração dessa convivência. O nosso segundo passo vai ser um esforço de concentração para apreender como se estrutura, numa unidade só, essa dinâmica de lar e de horizonte.

Recebido em: 11 de outubro de 2018

Aceito em: 13 de outubro de 2018